

VISÃO DE MUNDO E IMAGEM DE MUNDO EM WITTGENSTEIN

WORLD-VIEW AND WORLD-PICTURE IN WITTGENSTEIN

Marcelo Ferreira Ribas¹

Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marceloferreiraribas@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de estabelecer uma possível relação entre dois conceitos importantes da filosofia madura de Ludwig Wittgenstein, formulados em contextos distintos das reflexões do autor, a saber, o de visão de mundo (*Weltanschauung*) e o de imagem de mundo (*Weltbild*). O primeiro conceito – visão de mundo – aparece no parágrafo 122 de *Investigações Filosóficas*, no contexto de apresentação da noção de visão panorâmica que, por sua vez, constitui o cerne do seu método filosófico. Se a filosofia, tal como concebida pelo autor, é uma atividade que tem por objetivo dissolver problemas filosóficos advindos de uma má compreensão do modo como opera a linguagem, então, ela deve possibilitar a mais ampla compreensão possível dos limites de constituição de sentido e das condições de possibilidade de significação. Para tanto, seu trabalho deve ser o de trazer à luz as mais variadas conexões existentes entre os conceitos, e a própria ideia de apresentação panorâmica de tais interconexões é reconhecida pelo filósofo como sendo uma atitude que, antes de mais nada, poderia caracterizar uma *Weltanschauung*, isto é, o modo como vemos as coisas. Já o segundo conceito – imagem de mundo – surge no horizonte de discussões da obra *Sobre a Certeza* e denota o sistema de nossas convicções fundamentais (as certezas de que não se cabe duvidar) que, em síntese, constitui o próprio pano de fundo de constituição de sentido de nossas práticas no mundo, inclusive de nossas visões de mundo. Assim, a tarefa que aqui se impõe de se explorar o significado de cada conceito para, então, aprofundar a relação existente entre ambos pode auxiliar a compreender, em perspectiva wittgensteiniana, a nossa própria relação com a realidade e o modo como interpretamos nossas próprias experiências de mundo.

Palavras-chave: Visão de mundo. Imagem de mundo. Visão panorâmica.

Abstract: The present work aims to establish a possible relationship between two important concepts in Ludwig Wittgenstein's later philosophy, formulated in distinct contexts of the author's reflections, namely, the concept of world-view (*Weltanschauung*) and that of world-picture (*Weltbild*). The first concept—world-view—appears in paragraph 122 of *Philosophical Investigations*, in the context of presenting the notion of a surveyable representation, which, in turn, constitutes the core of his philosophical method. If philosophy, as conceived by the author, is an activity aimed at dissolving philosophical problems arising from a misunderstanding of how

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina (2021), Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (2020).

language operates, then it must enable the broadest possible understanding of the limits of meaning constitution and the conditions of possibility for signification. To this end, its task must be to bring to light the various connections between concepts, and the very idea of a surveyable representation of such interconnections is recognized by the philosopher as an attitude that, above all, could characterize a *Weltanschauung*, that is, the way we see things. The second concept – world-picture – emerges in the discussions of *On Certainty* and denotes the system of our fundamental convictions (the certainties that are beyond doubt), which, in essence, constitutes the very background for the constitution of meaning in our practices in the world, including our world-views. Thus, the task undertaken here—exploring the meaning of each concept and then deepening the relationship between them—can help to understand, from a Wittgensteinian perspective, our own relationship with reality and the way we interpret our experiences of the world.

Keywords: World-view. World-picture. Perspicuous representation.

INTRODUÇÃO

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), no período maduro de sua filosofia – o “Segundo Wittgenstein”² –, nos legou um profundo e significativo aparato conceitual que nos permite uma maior compreensão do fenômeno linguístico em meio às nossas práticas cotidianas. O conceito central, sem dúvida, é o de “jogos de linguagem”, que evidencia o dinamismo da linguagem em seus diversos usos. Em vez de ser fixa ou previamente determinada, a produção de significados depende fundamentalmente do contexto em que as palavras são empregadas nesses jogos.

Além de esclarecer os significados linguísticos, Wittgenstein redefiniu a própria concepção de filosofia ao colocar a linguagem no centro da investigação filosófica. Sob essa perspectiva inovadora, os problemas da filosofia tradicional passaram a ser vistos como problemas da linguagem. Isso porque o sentido não é estabelecido externamente à linguagem, mas construído dentro dela.

Esse movimento de pensamento constitui o contexto do qual emergem duas outras importantes noções do autor que aqui nos propomos discutir: visão de mundo (*Weltanschauung*) e imagem de mundo (*Weltbild*). Esses conceitos surgem como parte da análise do autor sobre como

² Devido à profunda mudança que sofre o pensamento de Wittgenstein, a maioria dos comentadores costuma dividir a sua filosofia em períodos. Assim, surge o “Primeiro Wittgenstein”, que coincide com o período de sua juventude e é retratado pela *Tractatus Logico-Philosophicus*, obra que aborda a relação lógica entre linguagem e mundo, e o “Segundo Wittgenstein”, que compreende a fase posterior e a maturidade do autor, do qual *Investigações Filosóficas* constitui a obra mais representativa. É exatamente nessa última fase que nos detemos neste trabalho. Para conhecimento, é interessante destacar a sugestão de Danièle Moyal-Sharrock da existência de um “Terceiro Wittgenstein”, pós-*IF*, com o intuito de destacar a importância do texto de *Sobre a Certeza* em relação ao conjunto da obra do autor (cf. 2004, p. 164). Todavia, Essa opinião não é consensual e continua sendo motivo de controvérsia.

nossa compreensão do mundo é moldada por estruturas linguísticas e culturais. Desse modo, o esclarecimento e a discussão dessas noções auxiliam-nos a compreender a perspectiva de Wittgenstein de que a linguagem e as práticas sociais e culturais são elementos constitutivos do sentido da realidade que estão intrinsecamente conectados e que, de modo algum, podem ser tomados isoladamente.

VISÃO DE MUNDO (*WELTANSCHAUUNG*)

O conceito de visão de mundo aparece no parágrafo 122 de *Investigações Filosóficas*³:

O fato de que não vemos panoramicamente o uso de nossas palavras é uma das principais fontes de nossa falta de compreensão. – Nossa gramática não é propícia a uma visão panorâmica. – A apresentação panorâmica proporciona compreensão, a qual consiste justamente no fato de que ‘vemos as conexões’. Daí a importância de encontrar e de inventar elos intermediários. O conceito de apresentação panorâmica é, para nós, de significação fundamental. Ele designa nossa forma de apresentação, o *modo como vemos as coisas*. (Será isso uma ‘visão de mundo’?) (Wittgenstein, 2022, p. 124, grifo nosso).

O fragmento tem como contexto uma preocupação metodológica de Wittgenstein, relativa ao seu modo de filosofar. Para ele, é essencial que o filósofo tenha uma “visão panorâmica” do uso das palavras, pois compreender a ampla variedade de significados possíveis permite alcançar maior clareza conceitual.

Há um grande mérito em Wittgenstein apontar para a necessidade de se ter uma visão panorâmica de nossos usos da linguagem. No contexto atual, marcado pelo alto grau de especialização do conhecimento e das atividades humanas, as circunstâncias tendem a promover uma estreiteza de perspectiva, uma visão isolada e fragmentada dos fenômenos, e não uma ampla visão, tal como sugere com o conceito de “visão panorâmica”.

Na contramão dessa tendência, Wittgenstein aponta, no que diz respeito à análise da linguagem, que não devemos nos esforçar em compreender os fenômenos em si, mas na “possibilidade dos fenômenos” (*IF*, parágrafo 90). Isso significa que uma investigação do tipo proposto por Wittgenstein deve focar nos enunciados que fazemos sobre os fenômenos, e não nos fenômenos propriamente ditos. O que fica evidente no autor é a importância que se dá à linguagem aplicada aos fenômenos, isto é, o modo como nos referimos a eles por meio de palavras. É no âmbito da linguagem que os esforços devem ser aplicados para, desta forma, obter uma clara e ampla compreensão de significados.

³ Doravante *IF*.

A abordagem de Wittgenstein é integradora, uma vez que entende linguagem e mundo como interdependentes. Não compreendemos significado algum se não nos detivermos na prática de nossa linguagem, no uso corrente de palavras e expressões. É precisamente na investigação do uso da linguagem que se deve buscar uma compreensão que leve em conta as conexões entre os diversos usos das palavras, reconhecendo aquelas já existentes e, quando necessário, criando novas conexões, inventando-as. Por meio dos "elos intermediários", é possível explorar as múltiplas possibilidades de constituição de sentido da linguagem, ou seja, compreender e relacionar os diferentes contextos em que o sentido se constrói. Esse processo é crucial para se obter clareza e, assim, desfazer confusões conceituais e dissolver problemas típicos da filosofia tradicional.

Após ter advogado pela necessidade de se buscar uma visão panorâmica do uso de nossas palavras, o filósofo assume a importância da apresentação panorâmica para o seu método filosófico e, nesse momento do parágrafo, assume-a como sendo o seu “modo de ver as coisas”. Por fim, encerra o parágrafo indagando se isso não seria uma visão de mundo (*Weltanschauung*), pergunta que é simplesmente deixada em aberto, já que não a responde imediatamente nesse trecho.

Essa simples pergunta – “(Será isso uma ‘visão de mundo’?)” – não é desprovida de implicações e requer uma análise mais aprofundada. É preciso observar que a questão está entre parênteses, sendo esse um recurso estilístico característico do autor, como observa João Carlos Salles (2024, p. 123).: “Vale a pena chamar a atenção para esse recurso típico de Wittgenstein, que bem mereceria uma análise, de colocar entre parênteses reflexões de ‘segunda ordem’. Tais parênteses sugerem uma reflexão sobre o método ou sobre a filosofia em geral [...]”. Considerando que o emprego de parênteses configura uma ferramenta deliberadamente empregada pelo filósofo para salientar um determinado aspecto da reflexão, e que no trecho em particular esse expediente é empregado, então, temos indícios suficientes para concluir sobre a relevância filosófica da pergunta do autor.

No caso, encontramos realmente uma espécie de pausa em meio à leitura do argumento principal, o que proporciona um momento de reflexão interessante a respeito da possibilidade de se antever que a defesa de uma visão panorâmica pode ser expressão, ao fim e ao cabo, de um modo original de se ver o mundo. Assim, ao nos deter na compreensão do que Wittgenstein questiona, deparamo-nos com a pertinência filosófica da pergunta não apenas quanto ao fato de trazer à discussão a noção metodológica de visão panorâmica/apresentação panorâmica, mas sobretudo por apresentar o conceito de visão de mundo, isto é, o modo como se vê as coisas.

Portanto, embora o autor não tenha respondido a pergunta que ele mesmo colocou, não nos é difícil esboçar a resposta. Isso porque, de fato, há aqui um sentido realmente filosófico de se

compreender as coisas e de se organizar a experiência segundo uma visão panorâmica que, em última análise, está respaldado na própria perspectiva filosófica assumida pelo autor.

Deve-se ter em conta que, na contramão da tradição filosófica, Wittgenstein afirmava que a filosofia não é teoria, e isso simplesmente porque não tem condições de explicar a realidade, já que suas considerações não são científicas (cf. *IF*, parágrafo 109). O autor compreende que não cumpre à filosofia formular hipóteses dada a impossibilidade de testá-las mediante experimentos, pois isso é da alçada da ciência, e a filosofia não pode (nem deve) equiparar-se a ela. Não obstante a impossibilidade de se teorizar em filosofia, na tradição filosófica encontramos inúmeros autores que elaboraram sofisticados sistemas de verdades e de explicações metafísicas sobre a realidade que, de acordo com Wittgenstein, não passam de grandes mal-entendidos a respeito do modo como operamos com as palavras em nossas práticas cotidianas. As inúmeras discussões acumuladas não apenas geram confusões conceituais, mas também colocam em questão o próprio papel e a legitimidade da filosofia, que se encontra paralisada e incapaz de avançar, justamente porque as teorias não conseguem propor soluções e resolver efetivamente os problemas.

Diante desse quadro, Wittgenstein aponta para outro espaço de possibilidade de realização da filosofia. Já que ela não é teoria, então, cumpre à filosofia atuar como uma prática voltada ao esclarecimento das condições de possibilidade do uso das palavras de nossa linguagem ordinária. A filosofia passa a ser vista, então, como sendo o trabalho cuidadoso de se examinar os diferentes usos das palavras nos mais variados contextos linguísticos, no intento de elucidar as regras que implicitamente governam o emprego significativo da linguagem, as ditas regras gramaticais. Portanto, filosofia não é teoria, mas atividade. Dado o seu caráter de descrição dos usos da linguagem para esclarecimento dos significados, acrescente-se: a filosofia é uma atividade gramatical.

Notemos que a posição assumida por Wittgenstein reflete, de fato, uma maneira peculiar de se ver o mundo, um olhar filosófico que contempla a realidade a partir da própria linguagem, sendo que nada pode escapar desse âmbito. Nessa perspectiva, tudo passa a ser visto sob o prisma da linguagem, e os problemas filosóficos são problemas de linguagem. É por isso que a visão panorâmica/apresentação panorâmica reflete um modo de se ver o mundo, ou seja, uma visão de mundo (*Weltanschauung*) pautada pela compreensão da realidade mediada pelo uso da linguagem.

Como afirmamos anteriormente, a visão de mundo esboçada no parágrafo 122 de *IF* reflete o que há de central no pensamento do autor. Sob esse viés, pode-se até mesmo considerar que *IF* é, na verdade, um grande diálogo entre Wittgenstein e seus interlocutores, no qual o autor busca demonstrar a legitimidade de sua perspectiva, visão de mundo. Carvalho (2022, p. 351) comenta sobre o caráter dialógico de *IF*: "Não se trata de uma enunciação da verdade, mas de um diálogo

no qual os interlocutores percorrem um caminho de transformação". O texto é estruturado como uma série de argumentos nos quais Wittgenstein contrapõe sua visão de mundo à visão de mundo dos interlocutores, que, no texto, representam a filosofia tradicional. Assim, na obra esboça-se o contato entre diferentes modos de se ver as coisas, isto é, diferentes visões de mundo.

Portanto, pode-se afirmar que Wittgenstein considera ser “visão de mundo” (*Weltanschauung*) não apenas um novo modo de enxergar as coisas, mas também “[...] um novo estilo de pensamento” (Brusotti, 2006, p. 110). A noção remete ao esforço de provocar uma transformação na perspectiva dos interlocutores, à medida que os leva a perceber outras possibilidades de constituição de sentido, além da posição dogmática na qual os defensores de diversas correntes teóricas filosóficas frequentemente acabam por incorrer.

IMAGEM DE MUNDO

Diferentemente do conceito de visão de mundo, desenvolvido no contexto de *IF*, a noção de imagem de mundo (*Weltbild*) apresenta-se, por sua vez, no horizonte da obra *Sobre a Certeza*⁴. Embora o conceito seja abordado pela primeira vez no parágrafo 93, é no parágrafo 94 que encontramos o sentido mais expressivo dessa ideia: “Mas eu não tenho a minha imagem de mundo porque me convenci de sua correção; tampouco porque estou convencido de sua correção. Trata-se, antes, do pano de fundo que herdei, contra o qual distingo o verdadeiro do falso” (Wittgenstein, 2023, p. 50). Nesse trecho, o filósofo compara imagem de mundo a um “pano de fundo” que teria herdado e por meio do qual é capaz de distinguir o verdadeiro e o falso.

Mas, de fato, o que seria esse “pano de fundo” a que o filósofo considera ser uma imagem de mundo? Para entendermos o significado dessa analogia, é necessário compreender o contexto geral de *SC*, já que é nesse horizonte que surge a discussão a respeito de imagem de mundo.

Como o título indica, *SC* é um texto que investiga a natureza das certezas que fundamentam o conhecimento. Mas o que são tais certezas, e por que foi tão importante para Wittgenstein abordá-las? A esse respeito, é interessante considerar a seguinte observação do parágrafo 308: “‘Saber’ e ‘certeza’ pertencem a diferentes categorias” (Wittgenstein, 2023, p. 109). O autor nos adverte da importância de se efetuar a distinção entre duas instâncias relevantes: de um lado, o saber (ou o conhecimento) e, de outro, as certezas, para que não se caia nos extremos do dogmatismo ou do ceticismo radical. Assim, o que temos é que certeza (em outras partes do texto também chamada “segurança”) e conhecimento (o “saber propriamente dito”) são esferas

⁴ Doravante *SC*. A obra consiste na reunião dos últimos manuscritos do autor antes de morrer, que datam entre 1949 e 1951.

totalmente distintas. Um enunciado do tipo “objetos físicos existem” não é uma proposição empírica, mas uma certeza que garante o funcionamento da linguagem e a produção de conhecimento. O conhecimento que produzimos a respeito da realidade está fundamentado nessa certeza.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a certeza consiste em uma convicção fundamental que funciona como alicerce inquestionável a sustentar toda a estrutura do conhecimento. Quando Wittgenstein trata de certezas no contexto de *SC*, ele se refere justamente a essas convicções básicas. Certezas não são saberes propriamente ditos, mas firmes convicções que servem como pressupostos fundamentais, pré-epistêmicos, que oferecem uma base segura para o conhecimento. É justamente por estarem além do alcance da dúvida, não sendo razoável questioná-las, que as certezas oferecem segurança para a própria possibilidade de conhecimento. Pode-se duvidar de quaisquer proposições empíricas, mas não se pode duvidar das certezas, pois elas são, justamente, as condições de possibilidade dos enunciados sobre a realidade.

Dito isso, estamos em condições de explicar em que consiste o conceito de imagem de mundo. Considerando que Wittgenstein o associou à ideia de “pano de fundo”, entende-se por ele o conjunto de certezas que constituem a base inquestionável de nossa compreensão de mundo. Tais certezas são convicções simplesmente pressupostas que não são colocadas em prova, salvo quando o filósofo tradicional procura “filosofar”. Na realidade, sequer refletimos sobre as certezas, mas as assumimos como condições indispensáveis para agirmos no mundo. Certezas desse tipo são, por exemplo, a de que objetos físicos existem (a existência do mundo físico), a de que existimos (a existência de corpos físicos) e de que outras pessoas existem (a existência de outras mentes), entre outras. Tais convicções fundamentais compõem a nossa imagem de mundo, isto é, a estrutura (“pano de fundo”) que condiciona o sentido de nossas experiências no mundo. Nesse sentido, a imagem de mundo alicerça e orienta o modo como compreendemos e organizamos a realidade.

Wittgenstein considera que a imagem de mundo de que todos nos movemos é uma herança que recebemos de nossas famílias, comunidades, sociedades, culturas. Não existe, com efeito, uma imagem de mundo que seja individual, posto essa noção denotar o aspecto compartilhado das experiências humanas. À medida que sou instruído numa imagem de mundo, passo a assumi-la como própria. Todavia, isso não a faz ser única e exclusivamente minha, pois essa estrutura é sempre herdada e comunicada aos demais interlocutores.

Esse aspecto em particular fica evidente no parágrafo 298 de *SC*: “Nós estamos totalmente seguros de tal coisa; isso não significa apenas que cada indivíduo tem certeza disso, mas que pertencemos a uma comunidade que está unida pela ciência e pela educação” (Wittgenstein, p. 107). Desde nosso nascimento, somos inseridos em uma cultura com suas especificidades, suas

práticas que configuram, em síntese, uma determinada imagem de mundo. Aos poucos, somos iniciados nessa imagem e a assumimos como sendo também nossa. Essa estrutura, esse quadro ou “pano de fundo” é o que intermedia nossa relação com a realidade. Assim, a noção de imagem de mundo visa representar a estrutura ou o sistema que possibilita atribuir significado às nossas experiências, orientando a forma como compreendemos e organizamos a realidade. Nesse sentido, ela justifica o conhecimento, dispensando, por sua vez, qualquer justificativa adicional.

UMA RELAÇÃO (POSSÍVEL) ENTRE OS CONCEITOS

Uma vez que discorremos a respeito de visão de mundo e de imagem de mundo, temos condições de estabelecer uma relação entre os conceitos. Considerando que a imagem de mundo é a estrutura que intermedia nossa relação de mundo, então, podemos dizer que o modo como vemos as coisas – nossa visão de mundo – é mediada por nossa imagem de mundo. Em síntese, temos que *Weltanschauung* é possível graças a *Weltbild*. As certezas e práticas linguísticas e sociais que constituem a imagem de mundo de que somos iniciados desde o nascimento, as obviedades que estão além da possibilidade de serem postas em dúvida, enfim, a estrutura fundamental mediante a qual organizamos, na linguagem, nossas experiências de mundo, é o que possibilita, em certa medida, a constituição de diferentes visões de mundo. Enquanto uma constitui a base, a outra constitui uma ampliação dessa base.

Embora a imagem de mundo, sendo o núcleo duro do qual partimos para compreender o mundo, não seja tão suscetível à mudança, isso não significa que não possa ser alterada. Na verdade, ela representa o leito do rio na metáfora do parágrafo 97 de *SC*: “A mitologia pode novamente se tornar fluida como um rio; o leito do rio dos pensamentos pode se deslocar. Mas eu distingo entre o movimento da água no leito do rio e o deslocamento deste último; embora não exista uma separação nítida entre os dois” (Wittgenstein, 2023, p. 51-52). Somos capazes de influir no curso de nossa imagem de mundo compartilhada, afinal, ela não é estanque, imutável. Como um leito de rio, uma imagem de mundo encontra-se em constante transformação; todavia, há que se considerar que o trabalho é lento e gradual.

Por outro lado, nossa visão de mundo pode ser alterada com mais facilidade. A própria atitude de Wittgenstein, ao procurar mostrar ao interlocutor um novo modo de pensar, pode ser entendida como uma tentativa de provocar mudança na visão de mundo, uma transformação que o próprio filósofo experimentou ao longo de sua trajetória. O nosso modo de considerar as coisas é mais suscetível às mudanças, nossas perspectivas podem ser abandonadas, ou transformadas, ou ampliadas, com mais facilidade do que a imagem de mundo que a sustenta. Somos seres sujeitos

às constantes mudanças, e nossas visões podem se transformar radicalmente, ou pelo menos ampliar os nossos horizontes de possibilidade de constituição de sentido para além de qualquer posição dogmática. É justamente a mudança de perspectiva, isto é, de visão de mundo, que pode provocar uma mudança ainda mais profunda, experimentada na imagem de mundo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito interessante compreender a relação entre os dois conceitos, especialmente se se compreende que um não prescinde do outro. Uma visão de mundo fundamenta-se em uma imagem de mundo, e uma imagem de mundo é alimentada e transformada – ainda que lenta e gradativamente – por visões de mundo.

A maneira de se considerar as coisas (*Weltanschauung*) pode englobar diversas posições sobre temas variados, como ética, estética, religião, política, entre outros, os quais influenciam a vida em sociedade. Cada indivíduo pode possuir sua própria visão de mundo. O problema surge quando essas perspectivas se tornam rígidas, ou seja, quando adotam uma postura dogmática, tratando-se como a única legítima e rejeitando qualquer visão que a desafie. Nesse contexto, observa-se o esforço de Wittgenstein – tal como sugerido como chave de leitura de *IF* – de dialogar com o interlocutor no intuito de fazê-lo considerar a legitimidade de outras visões de mundo além da sua própria. O sucesso desse esforço pode ser medido, de imediato, no impacto causado na visão de mundo, mas também, de modo indireto, na *Weltbild* coletiva.

Ambos os conceitos nos mostram que, assim como a linguagem, o mundo e a vida estão relacionados e em constante transformação, e que os indivíduos podem atuar como agentes desse processo, promovendo mudanças significativas.

REFERÊNCIAS

BRUSOTTI, Marco. *Mondi Estranei: note su Weltanschauung e Weltbild in Wittgenstein*. *Idee: Rivista di Filosofia*, Lecce, v. XX, n. 62-63, pp. 101-113, 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/25148857/Mondi_estranei._Note_su_Weltanschauung_e_Weltbild_in_Wittgenstein>. Acesso em 10 out. 2024.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MORENO, Arley. R. *Introdução a uma Pragmática Filosófica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

MOYAL-SHARROCK, Danièle. *Understanding Wittgenstein's On Certainty*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

SALLES, João Carlos. *Gatos, Peixes e Elefantes: a gramática dos acordos profundos*. São Paulo: Aretê, 2024.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução: Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____. *Sobre a Certeza*. Tradução: Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo, 2023.

Recebido em: 05/03/2025.

Aprovado em: 02/06/2025.